

Teatros e cinemas são as maiores reivindicações da população. Por questões financeiras eles não existem ou foram fechados nos últimos anos em vários municípios pesquisados. O pequeno número de freqüentadores e o alto custo para a manutenção foram os motivos apontados para excluí-los dos programas de lazer. No entanto, muitos municípios oferecem outros atrativos, alguns em parceria com a iniciativa privada. A própria comunidade organiza eventos esporádicos, entre eles torneios esportivos, bailes e festas tradicionais como o Kerb (de origem alemã) e de etnias.

Em alguns municípios da zona rural, a Emater oferece jogos esportivos de integração, denominados de Jogos Sol a Sol. Alguns municípios além de apoiarem os JIRGS e JARGS (jogos esportivos) organizam campeonatos e olimpíadas municipais, além das tradicionais festas em comemoração ao aniversário do município. Outra alternativa de lazer às pessoas são as festas como a Oktoberfest, em Santa Cruz do Sul, a Feisma e o Dia do Vizinho, em Santa Maria. O SESC e o SESI também contribuem com atividades esportivas e culturais em muitos municípios, como a campereada, campeonatos de orientação, shows musicais e atividades em datas comemorativas (Dia da Criança e Natal).

Conclusão

A pesquisa foi realizada em 31 municípios do Rio Grande do Sul, classificados em seis regiões e entrevistadas 558 pessoas. Os resultados mostram que a população gaúcha, das zonas urbana e rural, busca, constantemente, atividades para preencher o tempo livre e, consequentemente, promover seus momentos de lazer. Atividades físicas, como as caminhadas, as corridas, os jogos (esportivos e eletrônicos), assistir televisão e ir à missa e festas tradicionais e religiosas estão entre as preferências da amostra em todas faixas etárias. Poucas atividades podem ser consideradas específicas para um ou outro grupo de pessoas que vivem nas zonas urbana e rural. Os interesses e os desejos são muito similares, embora a oportunidade de acesso a algumas atividades é mais difícil às pessoas que vivem na zona rural ou na periferia das cidades, seja pela distância, pelo aspecto financeiro ou pela falta de divulgação.

Os municípios de forma geral ainda deixam a desejar quanto a oferta de programa de lazer, quanto a manutenção de parques e praças e quanto ao investimento em segurança nos locais onde ocorrem as atividades. A iniciativa privada tem ocupado parte do espaço e promovido atividades que envolvem as comunidades. Alguns projetos acontecem em forma de parcerias com entidades como SESI, SESC, EMATER, RBS, Universidades e o comércio local.

Este trabalho não teve por objetivo definir um perfil do lazer em cada município e, consequentemente em cada uma das regiões pesquisadas. Nossa intenção foi uma pesquisa para conhecer as atividades praticadas e aquelas oferecidas pelos poderes público e privado para as comunidades das zonas urbana e rural. Acreditamos que os dados levantados e já disponibilizados à sociedade servem de subsídios para futuros programas de lazer a serem oferecidos, bem como para preservar parte da história do lazer no Rio Grande do Sul. Desejamos que outras pesquisas sejam implementadas, de modo a procedermos um levantamento amplo e completo sobre a realidade desta área do Estado.

Nossa intenção, ao concluir, é encaminhar os dados para as principais bibliotecas do RS e, principalmente, aos municípios que foi, primeiramente, participar da pesquisa, permitindo assim que outras pessoas tenham acesso às conclusões deste estudo e que os municípios possam, a partir deles, pensar novas alternativas e estratégias à área do lazer.

Referências bibliográficas

- ¹ ANTUNES S. E. e HATJE, M. **Lazer no RS: resgatando sua história no contexto urbano e rural.** Santa Maria: Relatório de Pesquisa-CEFD/UFSM, 2001.
- ² BRUHNS, H. T. **Introdução as estudos do lazer.** Campinas: UNICAMP, 1997.
- ³ CAMARGO, L.O. Política de lazer. **Estudos de lazer.** São Paulo: Sesc, 1986.
- ⁴ DUMAZEDIER, J. **Sociologia Empírica do Lazer – Debates.** São Paulo: Perspectiva, 1979.
- ⁵ GODOY, J. F. R. de, et all. **Desporto de Base.** Piracicaba, 1992.
- ⁶ MARCELLINO, N. C. **Estudos do lazer: uma introdução.** Campinas: Autores Associados, 1996.
- ⁷ _____. **Lazer e Humanização.** Campinas: Papirus, 2^a ed., 1995.
- ⁸ MEDEIROS, E.B. **O lazer no planejamento urbano.** Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2^a ed., 1975.
- ⁹ REQUIXA, R. **O lazer no Brasil.** São Paulo: Brasiliense, 1977.
- ¹⁰ SILVA, J.B. da. **Educação Física, esporte, lazer: aprendendo a aprender fazendo.** Londrina: Lido, 1995.
- ¹¹ VALLADARES, R. **Revista Veja. São Paulo:** Abril, 17/05/2000.
- ¹² JORNAL DA MANHÃ. **Um convite ao entretenimento e à diversão.** Ijuí, 20 de fevereiro de 1999, Caderno 2.
- ¹³ JORNAL A RAZÃO. **Desleixo esconde lazer.** Santa Maria, 24 de fevereiro de 1999, p. 6.

Leisure activities in rio grande do sul state: rescuing their history in both the urban and rural contexts summary

Abstract

This research rescued part of the history regarding leisure activities in Rio Grande do Sul state in both the urban and rural zones through the application of questionnaires to 558 involving children, youngsters, adults, senior people, municipal secretaries, and undergraduates of the Physical Education Course of the Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) in 31 municipal districts of different regions. It was carried out an updating as well as an analysis of the leisure activities the people interviewed practice in their free time, that is, in that time they are not involved with their professional, social and religious obligations, and family. The elaboration of the instruments, the way of collecting data, and the definition of leisure considered in this research is related to "time" as suggested by Marcellino (1996). It was verified that there are a lot of activities that should be rescued before they disappear due to the lack of investments and people who practise them; that there are a lot of difficulties related to the development of the activities especially those related to the absence of appropriate spaces and places; also that it lacks general maintenance and specific programs elaborated and offered either by the municipal or state government or by both. Among the most mentioned leisure activities in the sample under analysis are the television and the activities that mainly involve sports and the collective activities, such as football and volleyball. In the rural zone, traditional activities such as playing cards, boules/boccie*, and *bolãozinho** are still cultivated.

*boules/boccie, a bowing game of Italian origin in which balls are rolled or tossed down a long court to stop as close as possible to a smaller target ball.

**bolãozinho*, a bowling game in which a wooden table, nine wooden pins (eight pins and a headpin), a long wooden stick, and a wooden ball are used. The table has an oval form and a closed part where one small wooden ball, hit by the stick, has to roll through. When the ball comes out (if) it will hit or not the wooden pins set up in a usually triangular pattern; the object is to knock down as many pins as possible. Each player is allowed to bowl the ball in each of three frames. The total sum is the final punctuation per person and the one who gets the highest punctuation gets a prize. In Brazil, the game is mainly played by women.

Keywords: History - Leisure - Leisure Activities.

Recreación en Rio Grande do Sul: rescatando su historia en el contexto urbano y rural

Resumen

Esta investigación rescató parte de la historia de la *recreación* en Rio Grande do Sul en las zonas urbanas y rurales, a través de la aplicación de un cuestionario a 558 niños, jóvenes, adultos, ancianos, secretarios municipales y académicos de Educación Física de la UFSM, en 31 municipios de diferentes regiones. Se realizó un levantamiento y análisis de las actividades de la *recreación* practicadas por las personas en su tiempo disponible, aquel en que están libres de las obligaciones profesionales, familiares, sociales y religiosas. La elaboración de los instrumentos para la recolección de datos y el concepto *recreación* considerado para esta investigación es el relacionado con la línea "tiempo" de Marcellino (1996). Se constató que hay muchas actividades que deben ser rescatadas, ya que corren el riesgo de desaparecer por la falta de inversiones y de practicantes; que hay muchas dificultades en el desarrollo de las actividades, especialmente por la ausencia de espacios físicos adecuados, por la falta de manutención y por la ausencia de programas específicos elaborados y ofertados por el poder público municipal y/o estatal. Entre los medios de *recreación* más citados por la muestra está la televisión y las actividades que envuelven principalmente los deportes y las actividades colectivas, como el fútbol y el voleibol. En la zona rural todavía son practicadas actividades tradicionales como los juegos de carta, bocha y *bolãozinho* (boliche de mesa).

Palabras claves: Historia, Recreación, Actividades de Recreación.

Sobre a Educação Física Escolar: fundamentação e história de uma práxis

CORRÊA, Ivan Livindo de Senna¹; MORO, Roque Luiz²; SABEDOTTI, Paulo³.

Resumo

O presente estudo teve como finalidade relatar o processo de construção de uma práxis pedagógica em Educação Física Escolar, coerente com a realidade estrutural e social das escolas públicas do Rio Grande do Sul. Para isso, utilizamos os procedimentos metodológicos da investigação-ação, que se caracteriza por sua intervenção no contexto investigado e pelos atores do ensino/aprendizagem serem os próprios agentes solucionadores dos problemas. A investigação-ação ocorreu em escolas públicas municipais de Restinga Sêca-RS e Santa Maria-RS, no período de 1990 a 2001. A pesquisa teve como resultado uma proposta pedagógica crítica para a Educação Física Escolar, apontando alternativas para as seguintes temáticas pedagógicas: o papel social da Educação Física Escolar; os conteúdos da Educação Física Escolar; a organização e/ou distribuição dos conteúdos no tempo escolar; os procedimentos metodológicos para o trato dos conteúdos; e, a avaliação do ensino/aprendizagem, dos conteúdos, no tempo/espaço escolar.

Palavras-chaves: prática pedagógica; educação física escolar; pedagogia crítica

Introdução

A prática da Educação Física Escolar, vern se constituindo num campo de estudo e reflexões da pedagogia da educação física. O que, nas ultimas duas décadas, proporcionou o surgimento de várias propostas pedagógicas¹ para a Educação Física Escolar. Apesar dos esforços teóricos, as mudanças do cotidiano escolar continuam dependendo das ações isoladas de educadores que construam significados sociais, políticos e culturais a sua prática educativa. Isto é, a Educação Física Escolar está vinculada aos conhecimentos e interesses do professor, pais e alunos. Procurando somar esforços aos estudos da pedagogia crítica da educação física, em nossa práxis procuramos encontrar alternativas para as seguintes questões pedagógicas: Qual o papel social da Educação Física Escolar? Que conteúdo adotar para a Educação Física Escolar? Como organizar/distribuir esse conteúdo no tempo escolar? Quais procedimentos metodológicos adotar para o estudo desse conteúdo? Como avaliar o processo ensino/aprendizagem, dos conteúdos, no tempo/espaço escolar?

Com esse questionamento, objetivamos construir uma proposta pedagógica para a Educação Física Escolar coerente com às dificuldades estruturais da escola e que contribuisse para a construção

¹ Prof. MS da Rede Pública Municipal de Santa Maria-RS

² Prof. Dr. do Curso de Educação Física: Licenciatura Plena do CEFID/UFSM

³ Prof. Especialista da Rede Pública Municipal de Caxias do Sul-RS

Endereço: Av. João Machado Soares, 1240, Bloco C-3, Apartamento 331, Camobi, Santa Maria – RS. CEP: 97-110-000.

da cidadania. Para isso, utilizamos os procedimentos metodológicos da de investigação-ação², que se caracteriza pelos seguintes aspectos: a situação problema faz parte das experiências cotidianas do professor; o objetivo da investigação é aprofundar a compreensão que o professor tem do problema; o referencial teórico é um instrumento de auxílio à compreensão do problema; o relatório se caracteriza como uma história do problema; o investigador é quem age para solucionar o problema; a linguagem utilizada é a mesma utilizada pelas pessoas envolvidas no problema; o diálogo é o recurso utilizado para superação do problema; e, a existência de troca de informação entre os participantes do contexto investigado é decisiva.

A construção da proposta pedagógica é resultado do nosso trabalho em escolas do ensino fundamental nos municípios de Restinga Sêca-RS e Santa Maria-RS. Para possibilitar ao leitor a compreensão do processo de construção da proposta, primeiramente, apontamos as perspectivas para a Educação Física Escolar, após, descrevemos a caminhada de construção da proposta e então, a prática pedagógica da Educação Física numa perspectiva crítica.

Apresentação e discussão dos resultados

Perspectivas curriculares para uma Educação Física Escolar

Os estudos da pedagogia crítica têm salientado os conflitos de interesses sociais que perpassam a Educação Escolar. Interesses, que estão presentes em todos os níveis de construção curricular^{3 4}, como na elaboração de legislações, nos documentos oficiais e livros didáticos, na ação pedagógica do professor e na avaliação curricular. Esses conflitos ocorrem basicamente entre aqueles que querem perpetuar, através da educação os valores de mercado e aqueles que minimizam esses valores, através da construção de ações pedagógicas que buscam romper com a lógica social discriminatória e excludente.

O reflexo desses conflitos se materializa na diferença de qualidade dos estabelecimentos escolares. Existem escolas bem equipadas (com bibliotecas, laboratórios, anfiteatros, aparelhos e local apropriado para a prática de Educação Física), com projetos pedagógicos definidos, corpo docente comprometido com o projeto da escola e comunidade escolar envolvida no processo ensino/aprendizagem. Mas também, existem escolas com estrutura precária (faltam classes, merenda, bibliotecas, laboratórios, aparelhos e local apropriado para a prática de Educação Física), dificuldade de acesso, sem projeto pedagógico definido, professores desestimulados, comunidade que não participa do processo ensino/aprendizagem, onde apresentam altos índices de evasão e reprovação escolar. Essa diferença de estabelecimento de ensino geralmente está vinculado à hierarquia social, isto é, as escolas que atendem as classes mais elevadas são didaticamente melhor equipadas que as escolas que atendem as classes populares⁵. Isso vem a contribuir para exclusão social, já que a estrutura educacional relativiza o acesso de todos aos conhecimentos acumulados historicamente.

Os conflitos de interesses sociais perpassam a própria elaboração da legislação educacional, pois durante o processo de construção da Lei n.º 9394/96, tramitou paralelamente dois projetos: um na Câmara de Deputados e outro no Senado. O projeto da Câmara de Deputados era fruto de grande debate com a Sociedade Educacional Organizada⁶. Já o que tramitava no Senado, era de autoria do Senador Darcy Ribeiro (PDT-RJ) e assinado pelos senadores Março Maciel (PFL-PE) e Maurício Corrêa (PDT-DF). Como se sabe, venceu, na disputa política parlamentar, o projeto do Senador Darcy Ribeiro (Lei n.º 9394/96), que se caracteriza por sua flexibilidade, o que irá possibilitar aos Estados, Municípios e Escolas elaborarem seus próprios Projetos político-pedagógico.

A flexibilidade da lei, é que amplia e legítima as disputas de projetos na educação escolar. Com isso a educação escolar poderá: tanto retroceder a uma pedagogia conservadora ou manter a igual situação que se encontra, assim como avançar rumo a uma pedagogia crítica⁶. Essa incerteza nos é

apresentada pela autonomia da escola e do professor, podendo estes, interpretar leis e parâmetros curriculares conforme suas concepções. Assim, a prática curricular passará a constituir-se cada vez mais numa arena política⁷ e a escola o espaço de lutas onde os educadores transformadores poderão ampliar ou implementar uma prática pedagogia crítica. Nesse sentido, a dificuldade para tanto será: como realizar uma prática pedagógica crítica? Quais ações poderemos adotar para construir uma pedagogia crítica?

A prática pedagógica, crítica, não almeja simplesmente possibilitar ao aluno o acesso a determinados conhecimentos, mas sim a transformação social. Também, se sabe que as transformações sociais não ocorrerão unicamente pela educação escolar, no entanto sabe-se que a educação escolar pode desempenhar papel fundamental na construção da cidadania. Assim, mesmo que “a educação não transforma o mundo, transforma pessoas e pessoas transformam o mundo”⁸, através da participação ativa nas lutas emancipatórias.

No entanto, a construção da cidadania necessita de educadores críticos que propõem ações educativas que superem as relações pedagógicas que reproduzem os valores sociais excludentes. As ações propostas devem contribuir para a formação de cidadãos críticos, autônomos, solidários e comprometidos com os movimentos que buscam a transformação da sociedade excluente. Com isso, criar-se-ão espaços, no currículo escolar, de resistência e de vivência de relações solidárias, igualitárias, criativas, críticas e emancipatórias.

Também, o desafio da pedagogia crítica será a superação da pedagogia conservadora, a qual caracteriza-se, em nosso entender, nas relações autoritárias/hierárquicas e/ou no abandono dos educandos aos seus próprios conhecimentos e interesses. As relações autoritárias/hierárquicas constituem-se em: o professor é quem possui o conhecimento, quem sabe, quem pensa, quem fala em aula, quem disciplina, quem escolhe conteúdos e quem avalia o processo de ensino/aprendizagem⁹, na medida que o aluno é considerado como mero receptor de conhecimento e executor de ordens. O abandono dos educandos, caracteriza-se quando o professor usa de sua autoridade para atribuir, unicamente ao aluno, a responsabilidade de escolher os conteúdos, de estudar e refletir sobre esses conteúdos e de se avaliar, cabendo ao professor o controle disciplinar periférico do aluno.

A prática educativa autoritária/hierárquica será conservadora porque reproduz a ordem social vigente, através da inculcação de valores autoritários, elitistas e seletistas, inerentes ao sistema escolar. Essa prática ignora: o conhecimento cultural do aluno e as potencialidades destes em refletir, comunicar-se, criticar e criar. Já a prática de abandono dos educandos, também será conservadora porque atribui a responsabilidade do processo educativo, unicamente, à capacidade individual ou coletiva dos alunos e aos seus conhecimentos culturais. Com isso, acaba reproduzindo os valores inerentes à cultura regional e/ou às relações de mercado presente no senso comum dos alunos.

Quanto a Educação Física Escolar, as perspectivas curriculares estão vinculadas ao processo de construção dos projetos políticos-pedagógicos das escolas. Com isso, as ações pedagógicas na Educação Física, também poderão variar entre ações conservadoras e ações críticas. O que nos leva as seguintes questões: O quê justificaria a prática da Educação Física Escolar? Seria a necessidade de melhoria do condicionamento cardíaco/respiratório e da redução do percentual de gordura das crianças e adolescentes? Seria a massificação da prática de esportes federados? Seria a necessidade de controle disciplinar dos alunos através de atividade física? Seria a “potencialidade” da prática de Educação Física de redução do uso indevido de drogas? Seria a possibilidade de construção da cidadania pela socialização do conhecimento da cultura corporal de movimento? Ou, seria a intenção de possibilitar momentos prazerosos e alegres aos alunos durante a permanência na escola?

Nesse momento, não é nossa intenção responder essas questões, no entanto vamos ilustrar, a seguir, o que entendemos como prática pedagógica conservadora na Educação Física Escolar.

A ações pedagógicas que vamos descrever são exemplos fictícios, baseados em diálogos com os colegas sobre a realidade da Educação Física na Rede Pública Municipal de Restinga Sêca-RS, de Santa Maria-RS e de resultados de pesquisas^{10 11} realizadas com professores de Educação Física em escolas das Redes Estadual, Particular e Municipal de Ensino de Santa Maria-RS. A pedagogia

conservadora que aqui descrevemos, apresenta em seu discurso cotidiano, a definição da Educação Física Escolar como a disciplina que possibilita o desenvolvimento integral do ser humano, tanto na sua parte intelectual, afetiva, social e motora^{10 11}. Sendo assim, seus defensores concebem a educação física como a área de conhecimento mais importante da escola, porque contribui para a promoção da saúde, combate o uso indevido de drogas e ainda, tem a finalidade de contribuir para o desenvolvimento do esporte brasileiro.

O professor, que defende o desenvolvimento integral do ser humano, diante do compromisso social burocrático que lhes é atribuído, procura durante o ano letivo, ouvir os interesses de seus alunos e construir sua prática educativa. Prática essa, que constitui-se em fazer uma sondagem sobre as atividades mais solicitadas para as aulas de Educação Física, masculina e feminina.

Geralmente observamos, que a maioria dos meninos escolhem jogar Futebol e a maioria das meninas escolhe jogar Voleibol e Dança. O que leva o Professor de Educação Física, não muito contente com a escolha dos alunos, sugerir uma outra atividade ou esporte opcional, geralmente escolhem o Handebol. A escolha do Handebol dar-se-ia, porque se acredita que este é um esporte de fácil aprendizagem e o mais apropriado para a escola, que não possui muitos recursos materiais para a prática de educação física. Assim, depois da escolha dos conteúdos, o professor os distribuem durante o ano letivo, um jogo a cada dois ou três meses, dependendo das condições climáticas e do período destinado a entrega de avaliações (notas).

Durante as aulas, o professor observa a participação, o comportamento dos alunos, quanto ao respeito aos colegas e o esforço dos mesmos para conseguirem participar ativamente dos jogos. Com essas observações o professor, a cada bimestre ou trimestre, atribui uma nota aos alunos.

Nos dias de chuva, as aulas são ministradas na sala de aula, onde o professor, às vezes, faz uma exposição sobre as regras do Futebol, Voleibol e Handebol. Uma vez ou outra dá continuidade ao processo com algumas aulas de ginástica ou coloca uma música para as meninas dançarem e deixa o restante dos alunos praticarem jogos de mesa (Xadrez, Dama, Dominó, etc.).

Quando a escola participa dos jogos escolares, o professor dedica uma atenção maior aos seus atletas, deixando mais à vontade aqueles que não querem participar e aqueles que naturalmente são excluídos da turma. Muitas vezes, o professor esforça-se e marca treinos além do horário destinado às aulas de educação física.

A prática que descrevemos aqui como conservadora é o estaria ocorrendo na maioria das escolas. O que às vezes diferencia a prática é o espaço, o tempo, o material e a forma que os alunos escolhem os conteúdos. Existem escolas que possuem espaços adequados e aparelhos suficientes para que os professores ampliem os conteúdo, geralmente introduzindo, além dos citados anteriormente, o Basquetebol e o Atletismo. Outras oportunizam diversas modalidades esportivas em turno oposto as demais disciplinas curriculares. Assim os alunos podem escolher quais modalidades esportivas praticarão. Algumas escolas além da carga horária obrigatória, oportunizam aos alunos a participação em equipes esportivas ou em grupos de danças.

Os exemplos à cima estariam representando o que chamamos de ação pedagógica conservadora. Pois algumas práticas observadas imitam o esporte de alto rendimento¹², tornando a educação física escolar uma extensão da instituição esportiva federada, valorizando um grupo por exclusão da maioria. Com isso, reproduzem-se os princípios ou códigos desportivos, que são: "rendimento atlético-esportivo, competição, comparação de rendimentos e recordes, regulamentação rígida, sucesso esportivo e sinônimo de vitória, racionalização de meios e técnicas"¹³. Outras práticas, devido à precária condição da escola, deixando aos alunos a escolha dos conteúdos, reproduzem o senso comum do cotidianos dos mesmos. Isto é, o aluno freqüenta as aulas de educação física para praticar o esporte que conhece por possuir habilidades específicas.

Não concordando com o contexto exposto acima e, almejando contribuir para a construção de uma práxis crítica na Educação Física Escolar, é que apresentamos nossa proposta pedagógica vivenciada em escolas de Ensino Fundamental da Rede Pública Municipal de Restinga Sêca-RS e de Santa Maria-RS. Nossa intenção é a de trazermos a público nossa experiência de vida em Educação

Física Escolar. Com isso, pretendemos estimular os colegas professores de Educação Física a refletirem sobre sua prática pedagógica e a buscarem construir ações que garantam aos educandos o acesso a um conhecimento significativo da cultura corporal de movimento.

O processo de construção da práxis na Educação Física Escolar

O processo de construção de nossa práxis pedagógica deu-se pelos princípios dialéticos de Ação-reflexão-ação⁹ e pela influência das teorias críticas da Educação Física.

A práxis pedagógica iniciou na disciplina MEN 306 - Prática de Ensino de Educação Física (Estágio Supervisionado) do CEFD/UFSM, realizada no primeiro semestre de 1990, pelos Estagiários Paulo Sabedotti e Ivan Livindo de Senna Corrêa.

O Professor (Estagiário) Paulo Sabedotti realizou, inicialmente, sua prática de ensino, com alunos do 1º série do Ensino Médio da então Escola Estadual de 2º Grau Professora Maria Rocha, concludendo sua prática com alunos de 7º série do Ensino Fundamental da então Escola Municipal de Ensino Fundamental Lívia Menna Barreto, Localiza-se na Rua Ernesto Pereira, Vila Santos Dumont, Bairro Camobi, Santa Maria-RS.

O professor (Estagiário) Ivan Livindo de Senna Corrêa, inicialmente, não engajado na proposta, começou sua prática de ensino com alunos da 2ª série do Ensino Médio da então Escola Estadual de 2º Grau Professora Maria Rocha e concluindo, agora já engajado na proposta, na 6ª série do Ensino Fundamental da então Escola Municipal de 1º Grau Lívia Menna Barreto.

Paralelo ao Estágio Supervisionado, o Prof. (Estagiário) Paulo Sabedotti e o Prof. Roque Luiz Moro, realizaram um estudo monográfico com o objetivo de “analisar a prática de ensino - Estágio Supervisionado - e identificar o quanto a Educação Física proposta, se distancia ou se aproxima de uma prática progressista”¹⁴. Ao concluir que a prática de ensino não foge de uma proposta pedagógica “Tecnicista”, Sabedotti e Moro sugerem uma proposta (Quadro 1) que poderia possibilitar orientação aos alunos da disciplina MEN 306 Prática de Ensino de Educação Física (Estágio Supervisionado) do

Quadro 1 - Síntese do plano de curso do estágio supervisionado do Prof. Paulo Sabedotti, Santa Maria, primeiro semestre de 1990.

Objetivos		Temas para a aula	Horas Aulas	Técnica	Recursos	Avaliação	Bibliografia	Observação
Gerais	Específicos							
1º Compreender os significados da Educação Física "não formal" na Escola, regido pela "Constituição Federal" e recomendada pela "Carta Brasileira do código dos Esportes na Escola";	1º Levar os alunos a compreenderem e organizarem formas básicas de movimentos;	1º Jóros de Movimentação básica: andar, correr, saltar, mancar, trepar, etc., individual e/ou em grupo;	02	Ao professor:	Materiais:	As avaliações serão realizadas tendo-se em vista quatro critérios. Dois critérios serão observados diainamente e outro dois no decorrer do bimestre e semestre.	DIECKERT, Jürgen. <i>Esporte de lazer. Rio de Janeiro, RJ, Ao Livro Técnico, 19984.</i>	1º Os critérios para as avaliações foram discutidos com os alunos;
2º capacitar os alunos a tratar os conteúdos da Educação Física nas diferentes condições; que possam criar e recrutar, no presente e no futuro, sozinhos ou em grupo;	2º levar os alunos a interferir no jogos, segundo suas necessidades e capacidades;	2º transformar as regras de um jogo popular;	03		- 1 bola de futebol de salão;	- 1 bola de voleibol;	DIECKERT, Jürgen, KURZ, Dietrich & BRODTMAN N. Dieter. <i>Elementos e princípios da Educação Física. Rio de Janeiro, RJ, Ao Livro Técnico, 1986.</i>	2º Nos trabalhos realizados individualmente, a avaliação será pela participação das aulas e nas tarefas para casa, realizadas individualmente ou em grupo.
3º oportunizar aos alunos de diferentes condições; que possam criar e recrutar, no presente e no futuro, sozinhos ou em grupo;	3º oportunizar aos alunos de diferentes condições; que possam criar e recrutar, no presente e no futuro, sozinhos ou em grupo;	3º jogarmos com bolas de diferentes tamanhos: rebater, puxar, chutar, levantar, empurrar, etc.;	03		- 6 bolas de borracha;	- 1 rede de voleibol;	DIECKERT, Jürgen & MONTEIRO, Floriano D. <i>Parque de lazer e de esporte para todos. Santa Maria: Imprensa Universitária da UFSM, 1983.</i>	3º O material citado abaixo foi fornecido pelo "NEARC" (Núcleo de Estudos e Apoio a Recreação e Comunidade CEFID/UFSC) e por este estagiário.
4º oportunizar aos alunos a criação de jogos, com base em variação de elementos morritas;	4º Oportunizar aos alunos a criação de jogos, com base em variação de elementos morritas;	4º modificar o uso dos locais e participantes do jogo;	03		- cartolinhas;	1º Participação na discussão e elaboração do trabalho em pequeno e grande grupo, a ser apresentado ao grande grupo;	HILDEBRADT, Reiner & LAGING, Ralf. <i>Concepções alternativas no ensino da educação física. Rio de Janeiro, RJ, Ao Livro Técnico, 1987.</i>	
5º possibilitar aos alunos que possam averiguar, aventurar, explorar, descobrir, expressar e provar para si mesmos e aos demais suas possibilidades e autonomia nas práticas de Educação Física;	5º oportunizar aos alunos que possam averiguar, aventurar, explorar, descobrir, expressar e provar para si mesmos e aos demais suas possibilidades e autonomia nas práticas de Educação Física;	5º jogarmos de diferentes tamanhos: rebater, puxar, chutar, levantar, empurrar, etc.;	03		- pinceis atómicos;	2º participação no dia da apresentação do trabalho. Cada aluno usará uma ficha chamada "ficha de construção de aula", onde anotará as suas contribuições e as contribuições de seus alunos terão tarefas. Essas para a construção da aula.	TAFFAREL C. N. Z. <i>Criatividade nas aulas de Educação Física. Rio de Janeiro, RJ, Ao Livro Técnico, 1985.</i>	4º Este trabalho vem recebendo uma orientação didática pedagógica do "NEARC"
6º levar os alunos a compreender, codificar e criar novas formas de uso dos locais existentes;	6º levar os alunos a compreender, codificar e criar novas formas de uso dos locais existentes;	6º transformar as regras de um jogo popular;	03		- lata;	1º Tarefas para casa, realizadas individualmente ou em grupo;		
7º Orientar os alunos para que aprendam e experiem a recriação de certas formas de jogar, quanto ao código, espaço físico, aparelhos, participantes e modalidades.	7º Orientar os alunos para que aprendam e experiem a recriação de certas formas de jogar, quanto ao código, espaço físico, aparelhos, participantes e modalidades.	7º jogarmos com bolas de diferentes tamanhos: rebater, puxar, chutar, levantar, empurrar, etc.;	03			2º Auto-avaliação: esse critério foi escolhido pelos alunos		
8º atender aos aspectos da Educação Física que são o movimento, a iniciação e os valores dos jogos motores.	8º atender aos aspectos da Educação Física que são o movimento, a iniciação e os valores dos jogos motores.	8º transformar as regras de um jogo popular;	03					
		JOGOS DE BOLA COM OS PÉS						
		JOGOS DE BOLA COM AS MÃOS						

CEFD/UFSM.

Com a experiência do Estágio Supervisionado e o constante diálogo com o Professor Roque Luiz Môro, ao assumirmos o cargo de professor em escolas públicas continuamos a construção da presente proposta.

No período de 1993 a 1994, implementamos essa proposta na então Escola Municipal de 1º Grau Sete de Setembro - Restinga Sêca-RS. Essa escola, localizada na Vila Rosa, interior de Restinga Sêca, caracteriza-se por ser a escola mais antiga do município, fundada 24 de abril de 1912, por famílias descendentes de imigrantes alemães. Até hoje, preserva-se o prédio da primeira escola, tendo a comunidade da Vila Rosa papel importante na preservação, ampliação da escola, bem como da construção da prática educativa.

No início da década de noventa, a Prefeitura Municipal de Restinga Sêca-RS, fechou algumas escolas do interior, implantando um sistema de transporte escolar público e gratuito e centralizando o atendimento na então Escola Municipal de 1º Grau Sete de Setembro - Restinga Sêca-RS. Com essa ação, transforma a escola que até então atendia a comunidade da "Vila Rosa", numa Escola Núcleo que atende também às comunidades de "Barro Vermelho" e "Silêncio". Os alunos que freqüentam a escola são filhos de pequenos agricultores e trabalhadores rurais, que como é típico das crianças e adolescentes da região, trabalham com a família no cultivo do arroz irrigado e do tabaco (fumo).

Tal prática pedagógica em Educação Física ocorreu com as turmas de 1ª a 8ª série, num tempo regimental de 2 (duas) horas/aula semanais. Inicialmente, houve resistência por parte da comunidade em aceitar a proposta, quanto aos jogos acrobáticos. É interessante resgatarmos a fala de um pai que dizia: "minha filha não vai ser Artista de Circo para aprender cambalhotas". Esse conflito inicial foi superado com encontros, onde participavam, o Diretor da Escola, Secretário de Município da Educação, Professores de Educação Física do Município (da rede estadual e municipal de ensino) e os pais interessados em participar. Ao apresentarmos a proposta e submetermos à apreciação do coletivo, iniciou-se um processo de compreensão, pela: comunidade; Direção da escola; colegas professores; e, alunos.

Acreditamos que na Escola Municipal de 1º Grau Sete de Setembro - Restinga Sêca-RS, a proposta, de certa forma, rompeu com o "senso comum" do que seria Educação Física, já que a sua prática era pautada pelos "torneios interescolares" que se caracterizavam mais como eventos para arrecadar fundos para a escola sede. O fato de constarmos em nossa proposta a Construção de Jogos Acrobáticos estávamos rompendo com a concepção que as aulas de educação física é o local para jogar o futebol, o voleibol e o atletismo.

Já, no período de 1995 a 1997 implementamos essa proposta na Escola Municipal de Ensino Fundamental Major Tancredo Penna de Moraes, Santa Maria-RS; localizada no Distrito de Palma, na Rodovia RS 287. A escola caracteriza-se por ser uma "escola núcleo" e por guardar a memória da Sesmaria de Palma e da Colonização Italiana. Ao entrarmos em contato com um descendente do Major Tancredo Penna de Moraes (proprietário que doou o terreno onde está localizada a escola) e pesquisarmos nos arquivos da escola e na história do Rio Grande do Sul, de Santa Maria e da 4ª colônia de Imigração Italiana (Silveira Martins - RS), pode-se ter uma compreensão das comunidades que compõe a escola.

Constatamos que, as comunidades que abrangem a escola tiveram sua organização graças às famílias de ascendência italiana, pelos proprietários da Fazenda da Palma, onde está localizada a escola, pelos empregados e descendentes de escravos da mesma. A referida fazenda surgiu no início do século XIX, com o recebimento de uma sesmaria pelo Sr. José Fernandes Penna, bisavô do Major Tancredo Penna de Moraes. Ainda hoje, na sede da fazenda encontra-se a Casa Grande, construída em 1847 e a cozinha da Senzala em estado de boa conservação.

No resgate histórico¹⁵ observa-se que a escola atende as seguintes comunidades:

- *Comunidade de Vila Figueira, formada pela família Figueira e pelos empregados do Engenho de Arroz da família. Na localidade, existia uma escola multisseriada*

- que se chamava Santo Antônio;*
- *Comunidade de São Sebastião formada pelas famílias Toneto e Soares, e que tinha uma escola multiseriada, com o mesmo nome da comunidade;*
 - *Comunidade de Faxinal da Palma formada pelas famílias, Camponogara Toneto, Fuganti, Noal, Negrini, Santini, Penna e Santos, onde haviam duas escolas multiseriadas, uma chamava-se Pillon e o mesmo nome da localidade;*
 - *Comunidade de Linha Cinco Sul (Vale dos Panos), formada pelas famílias Milani, Bianchin, Loro, Cechin, Feltrin, Sachet, Bolson e Daros, que havia uma escola multiseriada com o mesmo nome da localidade;*
 - *Comunidade Benjamim Constant, formada pelas famílias Bevilaco, Pano, Bilinazzo, Soares e Lemos, que possuía uma escola multiseriada com o mesmo nome da localidade (uma das mais antigas da região);*
 - *Comunidade de Linha Sete Sul formada pelas famílias Righi, Cazani, Rosa, Lourence, que tinha uma escola multiseriada, que se chamava Santa Augusta;*
 - *Comunidade de Palma formada pelas famílias Balconi, Weber, Moro, Cioccari, Penna e Moraes, que possuía duas escolas: uma que originou a sede da Escola Núcleo Major Tancredo Penna de Moraes; e, a outra que se chamava Olavo Bilac.*

Hoje os alunos que freqüentam a escola trabalham no tempo não escolar, auxiliando os pais no cultivo do arroz irrigado ou prestando serviços aos grandes e médios proprietários das terras da região e/ou do engenho de arroz.

O trabalho desenvolvido na Escola Municipal de Ensino Fundamental Major Tancredo Penna de Moraes, da 4^a a 8^a série do ensino fundamental, teve grande aceitação pela comunidade escolar e tem hoje continuidade pelo trabalho da Professora Claudia Maristela Lima Ledel. A Professora Claudia, após o conhecimento da proposta, engajou-se ao seu desenvolvimento e deu continuidade ao planejamento curricular (da 4^a à 8^a série do Ensino Fundamental). Esta escola manteve uma continuidade do trabalho - já são 07 sete anos de implementação da proposta - o que demonstra a possibilidade de construirmos formas diferenciadas de práticas de Educação Física Escolar.

Por outro lado, no ano de 2000, tivemos a oportunidade de trabalhar com as séries iniciais, 7^a e 8^a séries da Escola Municipal de Ensino Fundamental João da Maia Braga. Esta escola localiza-se no Passo das Tropas, Distrito de Pains, Santa Maria-RS. A mesma diferencia-se das demais por atender as crianças e adolescentes, tanto filhos de pequenos agricultores e trabalhadores rurais, como os de trabalhadores urbanos. Nessa escola tivemos a construirmos um significativo acervo de materiais alternativos, sendo a exploração destes o conteúdo básico do nosso trabalho nas séries iniciais.

Simultaneamente a prática pedagógica e as nossas reflexões, pela consulta ao referencial teórico, vinculada a pedagogia crítica da Educação Física Escolar, foi significativo à construção de nossa práxis. Assim, ela tem se caracterizado pela utilização de um referencial teórico crítico da Educação Física, que é constituído por:

(..) no que tange a concepção de educação, (...) filia-se ao que se chama genericamente de teoria crítica da educação; por outro lado, sofre influência marcante também, da sociologia crítica do esporte que se desenvolve na Europa, basicamente na década de 70 – uma terceira fonte, talvez mais restrita aos trabalhos de Kunz, Bracht e Baeker, é a própria pedagogia esportiva alemã de orientação crítica – além do trabalho realizado pelo Prof. Reiner Hildebrandt como professor visitante na UFSM¹⁶. (Bracht, 1998).

A seguir faremos um breve comentário dos principais autores que influenciaram nossa prática, seguindo a ordem cronológica de leitura.

A obra de Reiner Hildebrandt e Ralf Lagng - “*Concepções abertas no ensino de educação física*”¹⁷, influenciou nosso trabalho ao descrever a construção de aulas onde os alunos são sujeitos do processo. Isto é, os alunos participam da construção dos objetivos, na escolha dos conteúdos através de suas próprias formas de movimentar-se, na resolução de problemas individual ou coletivamente e na avaliação do processo. Outro ponto significante da proposta é o processo de construção de aulas, que se constitui em: organização do material; problematização ou apresentação da temática da aula; organização ou auto-organização em pequenos grupos; resolução dialógica do problema ou temática no pequeno grupo; sistematização das soluções encontradas; apresentação ao grande grupo dos resultados e auto-avaliação da aula.

É importante citar que Reiner Hildebrandt ministrou, para os professores da rede pública de Santa Maria-RS, o curso intitulado - “*A prática pedagógica de Educação Física escolar*”¹⁸, onde esclarece que as aulas abertas pressupõe a existência de uma programação curricular mínima, o que vem contribuir para a legitimação de nossa proposta de programação.

A obra de Celi Taffarel - “*Criatividade nas aulas de educação física*”¹⁹, contribui para nossa prática, ao demonstrar numa pesquisa comparativa, que é possível desenvolver a criatividade nas aulas de educação física do ensino fundamental. Para desenvolver a criatividade a autora utilizou os seguintes procedimentos: criação de situação problema; exploração da composição dos materiais utilizados; combinação de vários materiais para construir um jogo; exploração das possibilidades de se movimentar utilizando os materiais; e substituição ou troca de materiais durante a execução do jogo. O seu trabalho, também relata experiências, realizadas no início da década de 80, com crianças das séries iniciais do 1º Grau da Rede Estadual de Ensino do Rio Grande do Sul, o que serviu de subsídio para a nossa prática pedagógica no ensino fundamental.

A obra de Grupo de Trabalho Pedagógico UFPe-UFSM - “*Visão Didática da Educação Física: análises críticas e exemplos práticos de aulas*”²⁰, faz uma apologia as aulas abertas a experiência e relata o desenvolvimento de aulas na pré-escola, 1ª e 4ª série do ensino fundamental. O Grupo de Trabalho apresenta três legitimações das aulas abertas. A primeira - a legitimação Didático-Pedagógica, constitui-se na construção de aulas centrada no aluno, no processo, na problematização e na comunicação. A segunda - a legitimação humana, constitui-se na valorização do conjunto dos interesses do aluno e do professor, a aprendizagem deve ser aberta às experiências e os conteúdos de aprendizagem devem referir-se a relações de vida contida fora da escola. A terceira - a legitimação político-social, constitui-se na possibilidade de construir através de experiências e da reflexão crítica, novas relações e novos significados sociais, o que quer dizer, contribuir na superação da relação histórica (Opressor/oprimido) e na transformação social.

A obra de Coletivo De Autores “*Metodologia do ensino de educação física*”²¹, apresenta de forma sistemática os pressupostos para a elaboração de uma teoria pedagógica e consequentemente a elaboração de uma programação curricular. O que influenciou em nossa proposta foi a importância dada ao projeto político-pedagógico, a compreensão de currículo e de Educação Física e, principalmente, os ciclos de aprendizagem. Com a leitura desta obra podemos compreender que a aprendizagem escolar precisa, além de estar aberta a participação do aluno nas decisões, deve ter uma certa seqüência lógica dos conteúdos.

A obra de Elenor Kunz - “*Transformação didático-pedagógica do esporte*”²², aponta para o trabalho pedagógico, o desenvolvimento de três competências: objetiva, social e comunicativa. O que significa: o aluno assimila conhecimentos e informações sobre a cultura corporal de movimento; entende as relações socioculturais onde vivem; e, sabe entender a comunicação do outro e se comunicar, tanto pelo se movimentar, como pela linguagem verbal. O que vem enfatizar a importância social da Educação Física Escolar, principalmente na formação de competências para a adaptação ou resistência às relações que fazem parte do senso comum da sociedade em que vivemos.

Outros autores significantes para a construção de nossa prática pedagógica são: Demerval Saviani na obra - “*Escola e Democracia: teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre educação e política*”²³; Paulo Freire - “*Pedagogia do Oprimido*”²³ e “*Pedagogia da Autonomia*”²⁴; e, Ingrid Marianne Baecker (2001) - “*Vivência de movimento e Educação Física*”²⁴.

A prática pedagógica da Educação Física numa perspectiva crítica

A construção da prática pedagógica resultou na proposta apresentada abaixo, que se constitui em: definição do conceito de Educação Física Escolar; definição dos conhecimentos a serem trabalhados; organização dentro do tempo e espaço escolar; determinação dos procedimentos metodológicos; e, a construção de instrumentos de avaliação.

A concepção de Educação Física

Nesse trabalho comprehende-se a Educação Física como uma prática curricular realizada na escola. Sendo que, essa prática teria a finalidade de introduzir o educando ao estudo da cultura corporal de movimento²¹ e instrumentalizá-lo para um qualificado exercício da cidadania. Com isso, a Educação Física Escolar estaria socializando os conhecimentos sistematizados e contribuindo para a transformação das relações excluidentes, através da apropriação crítica dos conhecimentos e da vivência de relações igualitárias, solidárias e participativas. Por exemplo, garantir o acesso aos jogos, ginásticas, danças, lutas e esportes, resgatando a cultural corporal dos alunos e compreendendo os seus significados históricos através da reflexão, construção e desconstrução da cultura corporal.

No nosso entender, a cultura corporal do aluno seria resgatada ao possibilitar a reflexão sobre o seu movimentar cotidiano²⁰, sobre os jogos populares e pela possibilidade de construção de jogos. Assim, o aluno tornar-se-ia um agente crítico e produtor de conhecimento escolar. Essa concepção, de certa forma, revolucionaria a prática da Educação Física Escolar e contribuiria para a construção da autonomia individual e coletiva, onde se valoriza a solidariedade, a justiça social, a igualdade de condições, o respeito às diferenças culturais e individuais e à participação ativa do cidadão nas decisões de governo.

Os Conteúdos da Educação Física Escolar

Tendo essa compreensão, escolheu-se os seguintes conteúdos a serem trabalhados no ensino fundamental: jogos acrobáticos, jogos rítmicos, jogos de lutas, conhecimentos básicos de anatomia e fisiologia aplicada ao movimento humano, construção de jogos, desconstrução dos jogos desportivos (futebol, voleibol, handebol, ginástica olímpica, basquetebol e atletismo). Também optamos por proporcionar uma parte diversificada do conteúdo, que é de escolha dos alunos.

Jogos acrobáticos - constitui-se em possibilitar, através de exploração de materiais e situações problemas, a vivência de movimentos como, correr, saltar, rolar, balançar, trepar, escorregar, suspender-se e outros.

Jogos rítmicos - constituem-se em movimentar-se no ritmo e cadência de músicas, palmas e outras formas de manifestação rítmicas.

Jogos de lutas - constituem-se em oportunizar aos alunos a aprendizagem e a vivência de encenação²⁰ de ataque e defesa, onde são enfatizados o conflito e o soprepujar a partir do prazer do jogar com o outro.

Com os conhecimentos de anatomia e fisiologia possibilita-se ao aluno compreender alguns detalhes da complexidade do movimento e as consequências da exccção em excesso c/ou de equívocos, como: dores musculares, cãibras, torções, contusões, desidratações e outros.

A desconstrução dos jogos federados possibilitam aos alunos compreenderem o processo de desportivização dos jogos populares, bem como os princípios que os compõem, por exemplo: jogos de bolas com as mãos (voleibol, handebol, basquetebol, beisebol e outros.), jogos de bolas com os pés (futebol de campo, de salão, sete, de areia e outros), jogos em aparelhos (Ginástica Olímpica e outros), e, jogos rítmicos (danças folclóricas, danças regionais, dança clássica e outros).

A diversificação, constitui-se em possibilitar aos alunos trabalharem parte dos conteúdos a serem trabalhados durante o ano letivo, para isso, destinamos 30% do tempo da Educação Física Escolar (uma hora/aula semanal).

Em síntese, a nossa proposta foi inicialmente apresentada e discutida com a comunidade escolar (pais, alunos e professores) e, finalmente, aprovada uma programação mínima da Pré-escola à 8ª série do ensino fundamental. Tal programação foi desenvolvida em duas horas/aula semanais e a parte diversificada em uma hora/aula semanal onde trabalhávamos os conteúdos de interesse imediato dos alunos.

A organização temporal do conteúdo curricular

A organização dos conhecimentos, no tempo escolar, deu-se de forma cíclica²¹ em quatro momentos de aprendizagem.

O primeiro ciclo, que vai da pré-escola ao terceiro ano do ensino fundamental representa o período de “*organização da identidade dos dados da realidade*”²¹, é quando a criança tem uma visão difusa da realidade em que vive. Neste ciclo, em nossa experiência, apresentamos conteúdos de forma simplificada através da exploração do ambiente interno e externo à escola (jogos acrobáticos/ ginásticos e passeios orientados) e dos jogos rítmicos com música e percussão (danças/cantigas de rodas, poesia e execução rítmica instrumental), a partir dos materiais existentes ou construídos na escola.

O segundo ciclo, mesmo que o referencial teórico²¹ corresponda ao quarto, quinto e sexto ano do ensino fundamental, em nossa experiência - devido à idade elevada dos alunos do sexto ano - nós trabalhamos somente com alunos do quarto e quinto ano do ensino fundamental. Esse ciclo, representa o período de “*iniciação à sistematização do conhecimento*”²¹, é quando o aluno começa a compreender e relacionar os dados da realidade de forma abstrata. Por isso, adotamos como conteúdo à construção, sistematização e comparação de jogos (acrobáticos, rítmicos, de lutas, de bola com os pés e de bola com as mãos).

O terceiro ciclo, também, devido à idade elevada dos alunos do sexto ano, nós trabalhamos com alunos do sexto, sétimo e oitavo ano do ensino fundamental. Esse ciclo representa o período “*de ampliação da sistematização do conhecimento*”²¹, é quando o aluno toma consciência das finalidades do trabalho escolar, valorizando as reflexões teóricas e a sistematização dos conhecimentos. O que possibilitou-nos o estudo e a desconstrução dos seguintes conteúdos: ginástica; dança regional e popular (dança de rua); iniciação a lutas (judo e a capoeira); noções de anatomia e fisiologia; e jogos esportivos federados (Futebol, voleibol, handebol, atletismo e basquetebol);

O quarto ciclo corresponde ao ensino médio, período de “*aprofundamento da sistematização do conhecimento*”²¹, é o período onde o aluno começa a perceber, compreender e explicar a realidade. Nesse período não temos experiência, mas apontamos como conteúdo os mesmos do terceiro ciclo, que serão construídos de forma relacionada com o mundo do lazer e do trabalho, priorizando os aspectos técnicos e táticos dos conteúdos e a sua importância lúdica para a vivência de lazer.

Ao referirmo-nos ao tempo, é importante salientar que a periodicidade do contato com o conhecimento é necessário para a sua melhor assimilação. Por isso, apontamos a necessidade de garantir, pela distribuição do tempo escolar, no mínimo em três horas semanais: duas horas para trabalharmos os conteúdos mínimos escolhidos pela comunidade escolar; e, uma hora para trabalharmos os conteúdos de interesse imediato dos alunos.

Os procedimentos metodológicos

Na escolha dos procedimentos metodológicos, tivemos a preocupação de observar as peculiaridades de cada ciclo de desenvolvimento, optando por estratégias que despertassem nos alunos a criticidade, criatividade, imaginação e autonomia organizativa do meio escolar e de si.

No primeiro ciclo, utilizamos a estratégia de exploração do material, onde construímos as aulas de Educação Física, sempre resgatando os temas trabalhados durante as outras atividades curriculares. Pois, compreendemos que o processo de construção do conhecimento, de exploração do ambiente e dos materiais é importante por caracterizar o momento de contato do aluno com o meio social, possibilitando a interação aluno-materiais, aluno-aluno, aluno-professor e aluno-materiais-professor. Fruto dessa interação são construídos brinquedos que caracterizam o mundo imaginário da criança. Pois, o brincar “é a primeira manifestação da emancipação da criança em relação às restrições situacionais”²⁷. Para ilustrar a ação pedagógica no primeiro ciclo, vejamos o exemplo abaixo:

Os Objetivos da aula são: proporcionar aos alunos a vivência de jogos construídos com arcos no pátio da escola – de correr, saltar, rolar e arremessar; e, resgatar o brincar e o se movimentar-se próprios cultura regional infantil.

Desenvolvimento da aula:

Inicialmente, após recepcionar os alunos, o professor comenta que vão trabalhar com arcos e sugere os seguintes jogos:

- *Rolara o arco em qualquer direção*
- *Pegador, onde o aluno pegador tenta laçar os demais com um arco.*
- *Dois a dois com um arco, ver quem consegue laçar o companheiro parado a uma distância X. A distância deve aumentar quando a brincadeira se tornar de fácil execução.*
- *Um aluno rola o arco e o colega tenta passar por dentro.*
- *Realizar a brincadeira “coelhinho sai da toca” utilizando os arcos como toca.*

Após os exemplos de brincadeiras utilizando os materiais, o professor divide a turma em pequenos grupos, sugerindo aos alunos a criação de novas brincadeiras.

No término da aula, o professor reúne os alunos, comenta o desenvolvimento da aula, combina os materiais a serem utilizados na próxima aula e propõem as tarefas para casa.

No segundo ciclo, utilizamos a metodologia dialógica, procurando aproximar da proposta de “aulas abertas”, que concebe o homem como um ser atuante, autônomo e de responsabilidade social e que desenvolve seus significados do mundo através de confrontações sociais. Neste sentido, “somente em um processo social que permite processos autônomos de confrontação, torna-se possível uma aprendizagem consciente crítica, no sentido de uma liberação consciente de pressões internas e externas”²⁸. Ao propormos como conteúdo à construção de jogos, pretendemos proporcionar ao aluno o resgate de suas experiências de movimento, a sistematização das experiências através do registro gráfico e o confronto das experiências escolares com a cultura corporal de movimento sistematizada e valorizada historicamente.

Como exemplo descrevemos o processo de construção de uma aula do quarto ano do ensino fundamental e o resgate da mesma no quinto ano. A aula transcorre da seguinte forma:

- *Após a realização da “chamada” o professor explica o objetivo da aula, que é: construir jogos com bolas pequenas e médias, tendo como tema o “arremessar”;*

♦ Divide-se (a escolha dos grupos é definida pelo coletivo, observando a participação proporcional de meninos e meninas nos grupos) a turma em pequenos grupos, aos quais são distribuídas “bolas de meia”, construídas em aulas anteriores pelos próprios alunos;

♦ O professor circula entre os grupos explicando o que é um arremesso e exemplificando alguns jogos que utilizam bolas pequenas e que foram trabalhados nas séries iniciais (Caçador, ovo choco,...);

♦ Os alunos discutem em torno da tarefa de construir jogos;

♦ O professor agora participa da construção desses jogos, levantando questionamentos, dando sugestões e orientando a sistematização do mesmo;

♦ Os jogos são registrados em cadernos individuais, durante as aulas ou como forma de temas para casa (Figura 1);

♦ Após os jogos serem construídos e praticados no pequeno grupo, em outras

Figura 1- Foto da sistematização de um jogo de bola com as mãos, construído em 2001 por alunos da 5ª série da Escola de Ensino Fundamental Major Tancredo Penna de Moraes, cedido pela Profª. Claudia Maristela Lima Ladel.



aulas, serão apresentados aos demais alunos e oportunizada sua prática por toda a turma.

Com o quinto ano, utilizamos os jogos construídos no quarto ano, os quais foram registrados em cadernos e estes recolhidos pelo professor no final do ano letivo, para servirem como bibliografia de consulta. Com isso, a aula transcorre da seguinte forma:

► *O professor sugere aos alunos o tema da aula - “Jogos de arremesso com bolas pequenas”, propondo o resgate dos jogos construídos no ano anterior e comparação dos mesmos com jogos da cultura corporal de movimento sistematizada e valorizada historicamente.*

► *Divide-se (a escolha dos grupos é definida pelo coletivo, observando a participação proporcional de meninos e meninas nos grupos) a turma em pequenos grupos e distribui as bolas de meia e os cadernos do ano anterior;*

► *Os alunos consultam os cadernos e praticam os jogos ali registrados;*

► *O professor circula nos grupos, questionando e estimulando a comparação com os jogos da cultura corporal de movimento sistematizada e valorizada historicamente.*

► *O professor sugere que os alunos criem um jogo que se aproxima dos jogos sistematizados da cultura corporal de movimento.*

► *Os jogos são registrados em cadernos individuais, durante as aulas ou como forma de temas para casa (Figura 1);*

► *Após o jogo ser construído e praticado no pequeno grupo, em outras aulas, é apresentado aos demais alunos e oportunizado a prática por toda a turma.*

No terceiro ciclo, utilizando a metodologia dialógica⁹²⁴, propomos o estudo sistemático dos conteúdos da cultura corporal de movimento. Na nossa experiência, optamos pelos seguintes conteúdos:

► *no sexto ano, trabalhamos voleibol, futebol, ginástica, anatomia e fisiologia aplicada ao contexto das aulas, danças regionais e atividades de lutas;*

► *no sétimo ano, trabalhamos o handebol, iniciação a Ginástica Olímpica, anatomia e fisiologia aplicada ao contexto das aulas, danças regionais e atividades de lutas;*

► *no oitavo ano, trabalhamos atletismo, basquetebol, anatomia e fisiologia aplicada ao contexto das aulas, danças regionais e atividades de lutas.*

Salientamos que anatomia e fisiologia aplicada ao contexto das aulas, danças regionais e atividades de lutas, perpassam todos o período do terceiro ciclo, pois levamos em conta o clima e os espaços escolares. As escolas que trabalhamos não possuem ginásios ou quadras cobertas para a prática de educação física, assim esses conteúdos eram trabalhados nos dias em que o clima não permitia o trabalho ao ar livre.

O que diferencia os procedimentos metodológicos desse terceiro ciclo, em relação ao segundo, é que a temática da aula é definida pela especificidade do conteúdo. Por exemplo, o estudo do Voleibol, que é um esporte federado, possui um significado histórico e uma abrangência internacional, não pode ser reinventado. Assim iniciamos com o estudo da história do voleibol, dos fundamentos técnicos e táticos, da sua importância no mundo do lazer e do trabalho, e da sua desconstrução e criação de formas diferenciadas de jogar o voleibol. Vejamos exemplos de aulas:

► O professor comenta a história do voleibol e propõem como trabalho à realização de uma analogia entre a criação do voleibol, com os jogos criados pela turma nos anos anteriores;

► na seqüência comenta os principais fundamentos técnicos do voleibol;

► numa segunda aula proporciona inicialmente a prática de exercícios de alongamento, citando os principais grupos musculares que estão alongando, recordando das aulas de anatomia e fisiologia;

► na seqüência, o professor explica e demonstra as principais formas de deslocamento e dar o toque no voleibol;

► divide a turma em pequenos grupos conforme o material disponível, levantando o seguinte tema: "Criar exercícios ou jogos que possibilitem a execução e criação de diversas formas de deslocamentos e de toque no voleibol". O professor circula nos grupos questionando, contribuindo com a construção das tarefas e orientando o registro das mesmas;

► em outra aula, os grupos apresentam os exercícios e jogos criados e toda a turma pratica;

Nesta seção trouxemos exemplos de aulas com a intenção de ilustrarmos o processo de construção de nossa prática, não significa que é um receituário para outras realidades, mesmo porque, existiram diferenças significativas entre as escolas que trabalhamos. Os sucessos e os fracassos de nossas experiências dependeram muito de nosso compromisso sócio-pedagógico e do convencimento da comunidade escolar. No entanto, em todas as nossas experiências seguimos os seguintes princípios metodológicos: valorização do conhecimento cultural do aluno; problematização e apresentação de outros conhecimentos da cultura corporal; envolvimento da comunidade escolar no processo de escolha dos conteúdos e desenvolvimento do trabalho; valorização da comunicação corporal, verbal e escrita; auto-avaliação individual e coletiva; e, sistematização dos conhecimentos culturais trabalhados e/ou construídos em aula.

Com esses princípios procuramos aproximar dos pressupostos metodológicos da pedagogia histórico-crítica²³ que apresenta cinco passos metodológicos.

O primeiro passo metodológico, é partir da prática social do aluno e do professor. Em nossa prática partimos da compreensão do aluno e do professor sobre a temática proposta, tanto na construção de uma aula específica como na proposta como um todo. Isso pode-se observar, pela preocupação de estar sempre resgatando os conhecimentos assimilados pelo aluno no viver comunitário ou aprendido e/ou construídos em aulas, séries e ciclos anteriores.

O segundo passo, é a problematização por parte do professor quanto ao conhecimento do aluno. Na nossa prática corresponde ao diálogo e questionamento na aula com o aumento da complexidade dos problemas a cada ciclo de aprendizagem.

O terceiro passo, corresponde a instrumentalização do aluno, isto é, o aluno adquire ou se apropria de um determinado conhecimento cultural. Em nossa prática percebe-se essa apropriação quando o aluno começa a usar de novas formas de se movimentar trabalhadas e/ou construídas em sala de aula.

O quarto passo, corresponde à incorporação dos conhecimentos trabalhados e/ou construídos em aula. Em nossa experiência, isso corresponde à sistematização e prática dos conhecimentos construídos em aula e a comunicação desses conhecimentos aos outros membros de sua comunidade. Poderíamos trazer o seguinte exemplo: os alunos após se interessarem, problematizarem e vivenciarem o brincar com pernas-de-pau, assimilam esse brincar no seu viver cotidiano dentro e fora da escola.

Com isso, o conhecimento de brincar de pernas-de-pau que poderia ser precário, antes do trabalho escolar, passa a fazer parte de seu conhecimento cultural.

O quinto passo, corresponde à prática social ou a vivência cultural qualificada pela incorporação de novos saberes, o que corresponde no ponto de partida para outra problematização. Em nossa experiência, os jogos aprendidos ou construídos e vivenciados no seu cotidiano serão o ponto de partida para a problematização em aulas, séries e ciclos posteriores.

A materialização desses princípios depende muito de como será avaliado o processo ensino/aprendizagem, quais instrumentos utilizar para diagnosticar? E, como sistematizar o processo? Em nossa experiência utilizamos vários recursos para avaliação, os quais descreveremos na próxima seção, onde procuramos valorizar a participação do aluno e o diagnóstico do andamento dos trabalhos.

Os procedimentos adotados para avaliar

Nos procedimentos que utilizamos para a avaliação, além atender as exigências do regimento escolar, que aponta para a atribuição de uma nota para o rendimento dos alunos, tivemos a preocupação de tentar superar a relação de coerção, punição, classificação, discriminação e controle dos alunos. Na tentativa da superação, procuramos adotar uma avaliação de cunho processual, contínua, participativa, diagnóstica e investigativa, através dos seguintes procedimentos:

♦ *Para atender os princípios de processo, de continuidade e de participação, no sentido de acompanhar a caminhada individual e coletiva do aluno propomos como meios de avaliação o Diário de classe e a Auto-avaliação.*

♦ *Atendendo aos princípios de investigação/diagnóstica e objetivando conhecer as dificuldades de aprendizagem dos alunos e o nível de apropriação e produção de conhecimento, utilizamos como meios de avaliação um relatório de pesquisa, provas e exposições das experiências.*

No primeiro ciclo, a avaliação tinha como finalidade o registro do envolvimento dos alunos na exploração dos materiais e na prática dos jogos propostos. Nesse ciclo utilizamos como meio de avaliação o diário de classe. As anotações eram feitas diariamente pelo professor em um caderno onde sistematizávamos: os planos de aulas; as formas encontradas pelos alunos para solucionar os problemas; e, as observações referentes ao andamento da aula. As observações eram buscadas: nas dificuldades encontradas pelos alunos em explorar os materiais; no nível de interesse ou desafios oportunizados pelos conteúdos propostos; e, nos problemas de relacionamentos que surgiam durante a aula. Essas anotações serviam de subsídio para o replanejamento e para a avaliação dos alunos nos conselhos escolares.

No segundo ciclo, com o objetivo de envolver o aluno em todo o processo de ensino-aprendizagem, optamos por utilizar, como meios: um relatório escrito dos jogos criados; uma ficha de observação; e, uma auto-avaliação coletiva.

O relatório consiste em anotar, em um caderno, os jogos criados (Figura 01). O registro seguia o seguinte protocolo: nome do jogo criado; participantes do processo de criação; materiais utilizados; descrição do jogo e/ou suas regras; e, um desenho do jogo criado.

A ficha de observação (Tabela 2) é um recurso utilizado pelo professor para acompanhar o nível de envolvimento dos alunos nas aulas, o que serve de subsídio para participação e mediação da auto-avaliação coletiva.

A auto-avaliação consiste no aluno atribuir-se um parecer baseando-se em questões orientadoras, discutidas e aprovadas no coletivo da turma. Num segundo momento, o aluno apresenta a sua auto-avaliação e defende-a no coletivo, ouvindo os comentários dos colegas a respeito da mesma. O professor participa do processo como mediador e problematizador do processo de avaliação.